

EDITORIAL

Caros(as) leitores(as),

Esta edição da *Revista Pluralidades em Saúde Mental* inicia e termina com temas afeitos à questão da saúde mental no mundo do trabalho, tema caro à Psicologia e às áreas afins. Abre a edição a entrevista de Anna Elisa Haj Mussi com Willian Mac-Cormick, na qual são problematizadas a complexidade da psicologia do trabalho como campo de estudos e de atuação que, ao focar o homem e suas relações em detrimento a organização em si, permite vislumbrar caminhos para reconhecer e para compreender as fontes do adoecimento no trabalho.

Na sequência, somos agraciados com a tradução feita por Pedro Luís Tizo Santos – membro do grupo de pesquisa Labfeno/UFPR –, do artigo intitulado “A abordagem do diálogo aberto para a psicose aguda: sua poética e micropolíticas”, de Jaakko Seikkula e Mary E. Olson. O artigo historiciza e problematiza a abordagem conhecida como *Diálogo Aberto* para a atenção psiquiátrica, e sistematiza resultados referentes à sua aplicabilidade terapêutica e institucional.

Allan Martins Mohr com seu ensaio teórico crítico, sob o título “Por que, diabos, não podemos nos suicidar?”, faz provocações a respeito do suicídio enquanto tabu e, em certo sentido, enquanto “solução”, corroboradas por ponderações do campo da filosofia e da psicanálise, o que permite problematizar as possibilidades de eleição da vida.

Por conseguinte, Marcos Alan Viana, no artigo “Infância contemporânea: institucionalização e cerceamento”, argumenta sobre a representação e o espaço dado à infância na contemporaneidade, tensionando a ideia de um possível desaparecimento desta noção, que foi estabelecida e sustentada ao longo da modernidade, tendo em vista as profundas mudanças no modo de vida das crianças e famílias, então explanadas pelo autor.

O artigo “Grupo de orientação a pais em clínica-escola de Psicologia”, de Taíla Pazzetto e Caroline Guisantes de Salvo Toni, apresenta análises referentes aos resultados da intervenção junto a pais de crianças com queixas escolares e problemas comportamentais em um serviço-escola de uma Universidade. As autoras demonstram empiricamente a relevância de grupos de orientação de pais, nas várias dimensões relacionais consideradas, tanto para melhoria da qualidade da interação como para o desenvolvimento de repertório de práticas educativas, o que torna mais lúcida a atuação dos pais.

Seguindo a trilha dos estudos sobre a infância e educação, o artigo “Desempenho de leitores com dislexia no instrumento NEUPSILIN-inf em comparação a leitores sem transtorno de leitura”, de Giovanna Beatriz Kalva Medina, Carolina Portes, Natasha Sabbagh Pereira, Denise Azevedo Sodré, Leandro Kruszielski e Sandra Regina Kirchner Guimarães, expõe investigação referente ao uso de instrumento de neuroavaliação psicológica (NEUPSILIN-INF) aplicado em grupo de crianças de 8 a 12 anos com diagnóstico de dislexia. Em comparação ao grupo controle, as autoras demonstram que há desempenho diferenciado nos subtestes realizados pelo grupo com dislexia, o que reforça a relevância do teste para o diagnóstico e prognóstico do quadro.

A pesquisa de Isabella Gil, Eliane Cesário Maluf, Thays Stephanie Costa de Souza, Juliane Yumi Furuta Silva e Maria Catarino Simões Pinto, apresenta um estudo realizado com estudantes de Medicina, que mediante os desafios da prática e da formação médica, sofrem com depressão. A pesquisa propõe uma análise da incidência dos sintomas vinculados ao quadro clínico em questão, associados com fatores socioeconômicos, junto à estudantes do primeiro ano do curso em uma instituição de ensino superior de Curitiba. Os dados permitem vislumbrar fatores de risco e provocam reflexões sobre a importância de novos estudos sobre depressão – indicação que faz eco no artigo seguinte.

Fecham a presente edição os últimos dois artigos sobre o contexto laboral e saúde mental, instigando pertinentes observações sobre a atualidade e a importância do tema. O primeiro artigo, de Dayane Rocha de Pauli, Camila Brüning e Raquel Rangel de Meireles Guimarães, propõe um estudo empírico referente à depressão no universo laboral, e, apesar de as autoras frisarem a influência de fatores como relacionamento interpessoal e a própria subjetividade do trabalhador no fenômeno em questão, opta por fazer um recorte quantitativo mediante análise econométrica de variáveis socioeconômicas relacionadas à incidência de depressão, articuladas aos tipo de atividade e ocupação, o que conduz a apresentação de um interessante mapeamento sobre a sua incidência no Brasil.

Já o segundo artigo sobre o tema e último da edição, de autoria de Karina Junqueira de Menezes Loiacono e Elaine Cristina Schmitt Ragnini, oferece um retrato do mundo do trabalho a partir do discurso de 19 servidores que integram o serviço de saúde e segurança ocupacional de uma instituição pública federal do âmbito educacional. Mediante análise de discurso de Bardin, as autoras discorrem sobre as contradições socioinstitucionais apresentadas pelos funcionários, o que atravessa e influencia o desempenho de suas funções, reverberando na saúde/saúde mental deles e nas possibilidades de dar sentido ao próprio trabalho.

Boa leitura!

Alexandra Arnold Rodrigues, Dra.
Editor